

OBSERVAÇÕES CRÍTICAS A RESPEITO DE UMA HISTÓRIA LITERÁRIA DO PORTO

Por

Júlio Amorim de Carvalho

Ao visitarmos, há dias, a loja de um alfarrabista, no Porto, deparou-se-nos uma obra recentemente editada, volume de boa qualidade gráfica, com título que desperta, sem dúvida, interesse. Era a *História literária do Porto através das suas publicações periódicas*. Autor : Alfredo Ribeiro dos Santos. Ao consultarmos o vistoso livro, fomos detendo ora num ou noutro nome de personalidade portuense ou relacionada, em dado momento, com o Porto – personalidade que tivéssemos conhecido ou que conhecêssemos pessoalmente (como Álvaro Ribeiro, Carlos Bastos – cujo espólio se conserva, em parte, na Casa Amorim de Carvalho –, José Marinho, Pedro Veiga, Fidelino de Figueiredo, Pinharanda Gomes, António José de Brito, o nosso primo Nadir Afonso...); ora em nomes que mais directamente interessassem à Casa Amorim de Carvalho, que administramos. Com efeito, entre estes, encontramos referências a António Pinheiro Caldas e a Amorim de Carvalho, bisneto do poeta oitocentista. E ao lermos, com mais atenção, os comentários tecidos a respeito ou à volta dos dois últimos nomes de intelectuais portuenses acima citados, logo nos apercebemos que muitas das afirmações feitas ou das considerações formuladas por R. dos Santos, não têm fundamento, ou estão incorrectas, ou acabam por se resolver, algumas delas, em deploráveis insinuações de origem claramente sectária.

*

Logo no resumo biográfico relativo a Pinheiro Caldas, incorrectamente ou muito insuficientemente escreveu R. dos Santos que ele fôra «poeta de temas amorosos». E por aí se ficou o autor da *História literária...* Que não, que «de temas amorosos» pouco foi poeta Pinheiro Caldas, podemos afirmá-lo – sendo muito outras as características dominantes ou outros os aspectos de maior interesse da sua criação poética. Na recolha que fez para a 2.^a ed. das *Poesias* (1864), apenas 22 composições em 84 são de temática amorosa; e se considerássemos as belas poesias não incluídas neste livro, a importância do tema amoroso se amesquinhará numericamente, com certeza, ainda mais, em relação às outras temáticas, adquirindo talvez certa preeminência, do ponto de vista qualitativo, as de carácter político e social. Helena Carvalhão Buesco (no artigo *O Bardo* in «Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa») perspectivou aspectos relevantes da temática expressa nesta revista, citando Pinheiro Caldas, e frisando (paralelamente às «contemplações e lamentações da expressividade romântica», não amorosa neste poeta) a existência, na poesia de Caldas, dos «temas sociais, normalmente associados à presença de personagens-tipo», considerando que o poeta ensaia (com outros, naquela revista) «a passagem a um lirismo mais aberto a um certo pendor conceptualizante, cujo expoente será, mais tarde (e a um nível incomparável), Antero de Quental». Também chama a atenção aquela dicionarista, para o facto de, em Pinheiro Caldas, se encontrar uma «reflexão poética sobre as características e os conflitos da própria poesia».

Como se sabe, ou se devia saber, foi Pinheiro Caldas que teve a ideia de publicar a célebre revista *O Bardo*; foi ele quem lhe deu o título e que propôs a sua publicação a Francisco Xavier de Novais e a dirigiu, com este poeta, durante o primeiro ano da sua existência.

Do ponto de vista estritamente formal, deve-se insistir no seguinte: era Pinheiro Caldas notável versificador, a nosso ver um dos ritmistas mais subtis do romantismo

português. Nós demos no livro *Dois escritores portugueses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho* (Casa Amorim de Carvalho, Prometeu, Porto, 2000) a interpretação de certos aspectos da bela rítmica de Caldas. Não podendo ser considerado grande poeta no vasto contexto da literatura de expressão portuguesa – é inegável ter ele marcado poderosamente o ambiente ultra-romântico em Portugal. Será, pois, de lamentar que o autor da *História literária...*, no resumo biográfico referente ao ilustre poeta ultra-romântico, se limitasse a uma redacção demasiadamente restrita, descuidada e inexpressiva.

*

Queremos agora corrigir ou precisar algumas afirmações feitas por R. dos Santos e responder a insinuações que ele avança, na referida obra da sua autoria, relativas a Amorim de Carvalho ou que, directa ou indirectamente, lhe dizem respeito.

Começemos pelo mais impressionante : o assalto à revista *Portucale*, perpetrado (em 1946) por uma tríade de malfeitores constituída por Veiga Pires-João Pina de Morais-Sebastião Pestana, com a consequente exclusão de Amorim de Carvalho e Kol d'Alvarenga da direcção desse periódico e a usurpação da propriedade literária daquela publicação, – do que resultou (para que pudesse continuar o espírito da *Portucale*) a fundação, por Amorim de Carvalho e Kol d'Alvarenga, mas, de facto, por Amorim de Carvalho apenas, da célebre revista *Prometeu* de que este intelectual foi o mentor. Ora, a respeito destes acontecimentos, adopta R. dos Santos, no seu livro, uma atitude de caracterizada má fé, procurando valorizar declarações tardias (de 1955), feitas numa nota, que se refere a esses acontecimentos, escrita por um certo Joaquim Moreira, – declarações que não vêm ao caso, pois nada provam contra os pontos de acusação que foram claramente expostos por Amorim de Carvalho : a) no texto de apresentação de *Prometeu*, b) no artigo que abre o 2.º fascículo da mesma revista, c) numa 1.ª nota relativa à usurpação da propriedade literária da *Portucale* pela tipografia conluída com a tríade celerada Pires-Morais-Pestana, d) em 2.ª nota referente a declarações mentirosas (já em 1947 !) do Moreira – estas duas notas também publicadas no 2.º fascículo de *Prometeu*. As acusações formuladas por Amorim de Carvalho dirigem-se fundamentalmente à tríade Veiga Pires-João Pina de Morais-Sebastião Pestana. Se estas acusações não receberam nunca refutação dos principais interessados (nem, repita-se, nas asseverações tardias, em 1955, do Moreira), – que diabo vêm fazer as transcrições, desta nota do Moreira, no livro de R. dos Santos? A improbidade de R. dos Santos patenteia-se no facto de ele não transcrever nenhum texto de Amorim de Carvalho referente ao assalto à *Portucale*, e ir impingindo, ao leitor desprevenido, passagens das elucubrações do Moreira de mistura com comentários dele, R. dos Santos (estabelecendo confusão em tudo: por exemplo, colocando o Pestana ao lado de Amorim de Carvalho e de Kol d'Alvarenga, quando aquele fazia parte da tríade que excluía estes dois da direcção da *Portucale*; e referindo-se a problemas havidos, posteriormente a 1951, na 3.ª série da *Portucale* usurpada, quando os acontecimentos a que nos referimos se passaram em 1946 !) – toda esta mistela com o fim de deixar no espírito do leitor desprevenido, ingénuo, ignorante ou preguiçoso que não consulte as fontes de informação fidedignas que se encontram na *Prometeu*, – com o fim (dizíamos) de deixar no espírito do leitor a opinião falsa que o autor do livro aqui criticado quer que esse leitor perfilhe : a não responsabilidade dos biltres Veiga Pires e Pina de Morais no que foi, na realidade, o imoral assalto à revista *Portucale* por eles perpetrado de conluio com o Sebastião Pestana.

Insistiremos num ponto já por nós evocado rapidamente. A tortuosidade de R. dos Santos fica bem manifesta quando ele escreve, mentirosamente, com a maior desfaçatez, que o conflito na *Portucale* opôs «Amorim de Carvalho, Kol d'Alvarenga e Sebastião Pestana, de um lado, e Veiga Pires e Pina de Morais, do outro». Afirmação desavergonhada, esta, como já dissemos ; porque o conflito estabeleceu-se entre, de um lado, Amorim de Carvalho e Kol d'Alvarenga (embora, dada a forte personalidade de Amorim, fosse este considerado pelo gang Pires-Morais-Pestana o homem a abater, mais do que Alvarenga), e, do outro lado, a

tríade formada por Pires, Morais e Pestana *que assinaram as cartas, publicadas em fac-simile na Prometeu, excluindo indecorosamente Amorim de Carvalho e Alvarenga da direcção da Portucale*. Que o assaltante Pestana fosse, *posteriormente*, posto fora da *Portucale* pela dupla Pires-Morais, – isso já é outra história : são os habituais ajustes de contas entre homens de bandos, que resultam, em geral, na liquidação dos mais débeis (que não são forçosamente os menos desonestos) pelos mais empedernidos. Digamos desde já (a título de curiosidade, e conforme as repetidas afirmações verbais, a nós feitas, por Amorim de Carvalho) que o ilustre pensador ficara com a íntima convicção (por informações que lhe tinham sido fornecidas), que o assalto à *Portucale* fôra perpetrado no seguimento de um «*mot d'ordre* da maçonaria».

Não será nunca demais lembrar que os dois estupendos textos de Amorim de Carvalho, explicando como se processou o assalto à *Portucale*, e as 1.^a e 2.^a notas (esta, respondendo a devaneios e a mentiras – já em 1947 ! – do pobre Moreira), a que nos referimos atrás, ficaram sem resposta até à data de hoje, isto é, durante mais de 62 anos. Nem podiam nem poderão ter refutação convincente. O Moreira, cuja colaboração na *Portucale* «nunca passou de notas e comentários dum simples redactor», «foi sempre um sonhador» (Amorim de Carvalho, 2.^a nota citada). «Era preciso » (escrevia ainda Amorim – na mesma 2.^a nota de 1947 em resposta à nota mentirosa do Moreira surgida, neste mesmo ano, na *Portucale* usurpada –, sem saber o ilustre escritor que estava também respondendo antecipadamente às insinuações descabidas e desonestas do Moreira na sua nota de 1955 e às de R. dos Santos na sua obra de 2009), – «Era preciso atirar a público com um «nome» da antiga PORTUCALE, que a tal se prestasse, para se apagar o mau efeito do esbulho [praticado pela tríade de malfeitores : Veiga Pires-Pina de Morais-Sebastião Pestana] ; à falta de um escritor ou intelectual representativo da PORTUCALE, arranjou-se o sr. Moreira, que foi, na verdade, redactor, mas não foi senão como isso que deixou rasto na Revista – um rasto cada vez mais desvanecido, já no tempo de Cláudio Basto» e sob cuja direcção [*antes, portanto, dos acontecimentos que aqui evocamos*] o Moreira acabou por abandonar a revista. Que vêm fazer, então, agora, em 2009, as insinuações de R. dos Santos, citando, na sua *História literária do Porto...*, «à falta de um escritor ou intelectual representativo da PORTUCALE» (como escreveu Amorim), – citando (estávamos a dizer) o apagado e medíocre e já referido mentiroso Moreira que se auto-intitulava (na nota de 1955) «especialmente qualificado para avaliar [...] [das] responsabilidades e dignidades» dos intervenientes nos acontecimentos relativos ao imoral assalto à *Portucale* (este, sim, sobejamente demonstrado) levado a cabo pela referida tríade de malfeitores ? «Especialmente qualificado» ! Presunção e água benta...

Mas afinal, o que é que escreveu o medíocre e mentiroso Moreira na sua nota de 1955 citada por R. dos Santos? Será que o «Especialmente qualificado» vai cuidadosamente demonstrar a honestidade e a nobreza de carácter do Pires e do Morais? Nada disso! O «Especialmente qualificado» *apenas* pontifica que: nos referidos acontecimentos, «foi perfeitamente digna a posição» do Veiga Pires, Pina de Morais, Oliveira Júnior (este último era o gerente da tipografia que imprimia a *Portucale*, e que, informamos nós agora, conluiado com os dois precedentes malfeitores e o Pestana, usurpou a propriedade literária da *Portucale*). E mais não diz o «Especialmente qualificado»!

Que absurda ingenuidade ou que má fé levou R. dos Santos a escrever ainda certas outras coisas, e que quererá ele insinuar com elas ? Valorizar uma pretensa coragem do irresponsável e risível Moreira, a cujas fanfarrices R. dos Santos se prende como um enforcado amarrado à corda que o sustenta ? Transcrevemos de R. dos Santos: «Nunca se publicara na revista [*Portucale*] qualquer comentário à cisão [ele chama *cisão* ao que foi o desentendimento *premeditadamente organizado*, no seio do periódico, e o *imediate e imoral* assalto à revista planizado pelos réprobos Pires-Morais-Pestana] que se operava na sua direcção». De facto não, *et pour cause!* – já o démos a entender algumas linhas atrás. Foram duas, as razões desse silêncio: 1.^a, porque era impossível refutar as afirmações de Amorim de

Carvalho no longo texto de apresentação de *Prometeu* e nos outros escritos seus relativos ao assalto à *Portucale* (conjunto de preciosos documentos que constituem clara e meticulosa exposição dos acontecimentos, ao qual já nos referimos mais do que uma vez); 2.^a razão, porque Amorim fôra claro, ao prevenir, com firmeza, os culposos (3.^a nota inserta na *Prometeu*, fasc. n.º 5-6 de 1947): «Visto que já elucidámos suficientemente [...] o caso da revista PORTUCALE, não tendo sido refutadas as nossas acusações, fica suspenso o nosso combate, durante o tempo que entendermos [...], e desde que os acusados não esbocem o mais pequeno arremedo de defesa – que não o podem ter senão pela mentira propalada fora da *sua* Revista [a *Portucale* usurpada], ou pelo silêncio dentro da mesma Revista». A «mentira propalada fora da [...] revista», como admitira Amorim de Carvalho em 1947, seria, afinal, a nota tardia do enganador Moreira (escrita em 1955, 9 anos depois dos acontecimentos, no derradeiro fascículo dum periódico moribundo ainda escandalosamente intitulado «Portucale», mas que da *Portucale* só tinha o título, e com o nome do medíocre Moreira aparecendo, nesse derradeiro fascículo, como director! – mais uma auto-promoção para o desqualificado e pretencioso escrevinhador de notas!); e seria, também, a perversidade fraseológica de R. dos Santos na *História literária...*, referindo-se àquela nota redigida pelo grotesco Moreira. Dos três principais acusados (Veiga Pires, Pina de Moraes, Sebastião Pestana), só o Pestana ensaiara, logo em junho de 1947, um «arremedo de defesa» (que, como escreveu Amorim de Carvalho, fôra mais «uma fuga» do que outra coisa), em carta endereçada à *Prometeu*, e nesta revista publicada, – o que lhe valeu ser desancado e mais ainda desacreditado, sem apêlo possível, na magnífica resposta de Amorim de Carvalho, que abre o 2.º fascículo da revista que este acabara de fundar. Depois, nenhum dos três incriminados ousou tentar (nem na revista usurpada, nem fora dela) a menor defesa. Silêncio significativo! Silêncio ensurdecidamente acusador para os três réprobos!

R. dos Santos professa, com sectarismo, uma ideologia que tende a identificar-se, por oposição à 2.^a república portuguesa, com as formas políticas que levaram à falência da 1.^a e ao definitivo descalabro nacional da 3.^a. Desse sectarismo se ressentem, sem dúvida, a obra aqui criticada, e desvaloriza-a irremediavelmente. Porque uma história, qualquer que ela seja (política, social, literária, da filosofia, da arte, da ciência, etc.), tem de ser feita com critério e sensatez, e terá, portanto, que apontar, lá onde estiverem, e como tais, os falsos apóstolos e as acções repreensíveis dos impostores. E é isto que R. dos Santos não faz, relativamente aos sequazes, como estamos mostrando, – o que, conseqüentemente, desvirtua o seu trabalho.

Já que metemos a mão à massa – e porque R. dos Santos transcreve parte do artigo de apresentação da 2.^a série da *Portucale* (escrito quando a tríade malfeitora Pires-Morais-Pestana já preparava o assalto à revista) –, referir-nos-emos, de seguida, a um curiosíssimo episódio que se passou na altura em que esse artigo foi redigido. Esclarece Amorim de Carvalho, no texto de apresentação da *Prometeu*, ao descrever o procedimento repulsivo de Veiga Pires: «... Veiga Pires arroga-se o direito de dirigir ditatorialmente a Revista [*Portucale*] [...]. A sua primeira leviandade teve-a ao escrever o artigo de apresentação da 2.^a série. Por um princípio, ao menos, de delicadeza, devia *oferecer* esse encargo aos antigos trabalhadores da Revista [que eram, como Amorim de Carvalho explica meticulosa e, ele próprio e Kol d'Alvarenga] [...]. Mas [...] Veiga Pires estava sôfrego e insaciável de prerrogativas! [...]. Redigira o tal artigo de apresentação e mandara-o compor – tudo sem nosso conhecimento. [...]. Como estilo *de chapa*, não pode ser mais perfeito ou mais... *genial* [...]. Pode figurar no receituário de apresentações de revistas de qualquer índole. Para esse efeito é um modelo. Tem só uma passagem discordante, porque não pertence ao [...] Veiga Pires; é a que, para se dizer alguma coisa que não fosse uma trivialidade, nós [isto é, Amorim de Carvalho] tivemos a ousadia de acrescentar a este grande nariz de cera [...]: «PORTUCALE continuará a dar o panorama de todas as correntes sadias que sulcam o pensamento humano». A passagem que acrescentamos é esta: «... mantendo, no entanto, uma

atitude crítica e selectiva». / Esta atitude crítica e selectiva foi o que [...] Veiga Pires não pôde suportar. Por isso... [etc.]». Ora aí está a irreprimível mediocridade do homem-massa, representada no indivíduo Veiga Pires que, mancomunado com os seus dois comparsas, continuaria a agir ao nível da sua natural inferioridade moral e mental.

Passemos agora a outro momento da biografia de Amorim de Carvalho, também evocado pelo autor da *História literária do Porto...* Escreve este último: «[Amorim de Carvalho] Em 1953, depois do fracasso da revista *Prometeu*, que fundara, fixou-se em Lisboa». Não há que lhe fazer: R. dos Santos está obcecado pela revista fundada por Amorim de Carvalho; a revista *Prometeu* incomoda-o, manifestamente. Querirá R. dos Santos, verdadeiro *etter-cap*, insinuar, ao escrever as palavras que acabamos de transcrever, que houve relação de causa a efeito entre o que ele considera o «fracasso» da *Prometeu* e o facto de Amorim fixar residência em Lisboa? O certo é que Amorim fixou-se em Lisboa, simplesmente para viver em meio que ele considerava mais aberto, mais favorável à actividade intelectual. Pelas mesmas razões, em parte, e por outras que ele próprio explicou, – também iria, doze anos mais tarde, eleger domicílio em Paris onde quis morrer. Mas donde terá o autor da *História literária do Porto...* extraído a ideia de «fracasso» para a célebre revista portuense? Entra aqui R. dos Santos em pleno desvario. Porque a revista *Prometeu* foi um extraordinário sucesso: 1.º, era a vitória do seu aparecimento (para continuar, no espírito e no aspecto gráfico, a *Portucale* de Augusto Martins, Pedro Vitorino e Cláudio Basto) pela vontade indomável de um homem superior, um homem-elite, independente, isolado mesmo, como o foi Amorim de Carvalho, mas combativo e inflexível; 2.º, a pléiada de colaboradores da *Prometeu* – colaboradores que, para entrarem nesta revista, tinham de se sujeitar à condição imposta por Amorim de Carvalho de não colaborarem na *Portucale* usurpada; 3.º, o facto de Amorim ter feito da sua revista uma tribuna para divulgar o seu pensamento, os valores estéticos e filosóficos que eram os seus, não admitindo nela colaboração que lhes fosse contrária (era a tal «atitude crítica e selectiva», porque a revista era publicação de orientação estética e filosófica; vid. o bem construído, vigoroso e invulgar programa de *Prometeu*, publicado na revista); 4.º, a enorme divulgação da revista, em Portugal e no estrangeiro (tanto em permuta como por assinaturas, devendo, no que respeita ao estrangeiro, referir-se especialmente ao Brasil, mas neste caso, mais pelas assinaturas do que pela permuta, curiosamente), expandindo-se *Prometeu* por três continentes, desde a China à Europa e às Américas (basta, para nos apercebermos dessa estupenda expansão, compulsar os documentos conservados no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho e inventariar os volumes da sua Biblioteca onde se encontram catalogados muitos dos livros e periódicos de grande interesse cultural que desses três continentes chegavam, por permuta, às mãos de Amorim de Carvalho, sendo sobretudo útil consultar, a este respeito, as secções bibliográficas dos sucessivos números do periódico); 5.º, o facto de Amorim ter mantido, durante seis anos, uma revista de belo aspecto gráfico e de alta significação moral e intelectual, simbolizada no próprio título de «Prometeu» que não foi escolhido por acaso, pelo ilustre intelectual portuense – e tudo isso sem claudes, sem grupos do elogio mútuo, sem formações de mentalidade gregária a apoiarem o periódico, porque Amorim era-lhes refractário. E, assim, escreve ele ao abrir um dos fascículos da sua revista, em 1947: «Se à volta da Revista PROMETEU pode ou deve formar-se um grupo, queremos que ele se forme na negação [...] do que em regra leva à formação dos grupos; isto é, queremos que ele se forme adentro daquela realidade dos melhores valores». Mas o homem-elite que assim se exprimia e que viveu para esses valores espirituais, o pensador e o poeta que foi, fundamentalmente, Amorim de Carvalho, não poderia permanecer muito mais tempo como gestor de uma revista que consumia tempo precioso. Tempo livre era-lhe necessário, afinal, para prosseguir, pelo estudo e pela reflexão pessoais, a sua obra, nos domínios da criação poética e do pensamento filosófico e estético. Por esta razão determinante, a revista *Prometeu* deixou de ser publicada a partir de 1952. Aliás, e pela

mesma razão – fome de tempo livre –, também Amorim não exerceria *de facto*, senão muito acidentalmente, as funções de gerente estatutário na empresa de que era sócio, a Amorim & Amorim, L.^{da}, em Matosinhos, na qual instalara, uma tipografia privativa, onde, dando-se às artes gráficas, o escritor (auxiliado por pessoal da referida firma) iria compor os últimos fascículos da *Prometeu* e alguns livros seus. Mas, de qualquer modo, tornava-se bem evidente que não seria em Lisboa (cidade em que queria instalar-se, e onde se instalou, em 1953, pelas razões explicadas), que Amorim poderia prosseguir com a publicação da sua revista.

*

No medíocre resumo que, na *História literária do Porto...*, faz da biografia de Amorim de Carvalho, R. dos Santos utiliza expressões inconsistentes, sem dar, conseqüentemente, as linhas de força do pensamento amoriniano – quando seria legítimo esperar que ele as desse. Por exemplo, classifica Amorim de Carvalho de «ensaísta e poeta», mas aquela palavra, de tão confusamente banalizada que ficou, já não significa nada de preciso.

Mesmo com poucas palavras, poder-se-á focar as linhas mais características de um pensamento poético, estético ou filosófico e até estabelecer-se as relações pertinentes que definam a obra, e a compleição e a personalidade de um intelectual. A título de exemplo, citaremos um estrangeiro que (em livro recentemente publicado, onde retoma a sua contribuição para o Colóquio organizado no âmbito das comemorações do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho) assim se expressa, numa síntese lapidar, embora perspectivada a partir da teoria do ritmo verbal: «... Detrás del tratadista [que é Amorim, autor de um *Tratado de versificação* e da *Teoria geral da versificação*] se ve el filósofo y el creador [na poesia]. No es frecuente encontrar, entre los que escriben sobre la técnica del verso, un grado tan alto de confluencia del tratadista de métrica con el filósofo y el poeta» (José Domínguez Caparrós, *Nuevos estudios de métrica*, Madrid, 2007). É esta uma faceta característica da obra amoriniana: a relação estreita entre pensamento filosófico, teoria da estética e criação poética – faceta que também foi por nós abundantemente tratada no Colóquio acima referido.

Na poesia amoriniana, vê o autor da *História literária do Porto...* uma «evolução» que «passa pela religião – *Il Poverello* (1939) –, e vai até à sensualidade, na *Erotiada* (1951)»; e por aí se fica R. dos Santos, talvez sem se aperceber que *Il Poverello* é uma visão laica do santo de Assis (não religiosa, no sentido restrito da expressão, embora admitamos uma *religiosidade* na comunhão intensa do homem com a realidade total). Para além do aspecto sensual, as formas líricas amorinianas extravasam-se numa ontologia do amor: o poeta estabelece original e intensa relação entre o amor que «aproxima homem e mulher» e toda a problemática filosófica e humana («as interrogações sobre a eternidade ou transitoriedade do mundo, sobre a ideia ou a existência de Deus, sobre o sentido ou não sentido da morte», etc., etc., surgindo o amor sexual «como paradigmático do que, extensivo à afectividade humana, [...] se chama bondade, dádiva e fraternidade e conduz a toda uma ontologia sociológica e amorosa», que vai, poeticamente, até à destruição da tentação solopsística – podendo dizer-se de Amorim de Carvalho que é o maior poeta do amor da nossa literatura. E se considerarmos as «compleições poéticas criadoras de largas formas poemáticas ou de largo pensamento poético» «em que a poesia está intimamente ligada ao pensamento para atingir a ressonância épica ou filosófica de uma concepção do mundo e da vida» (estamos a citar fragmentos de um *Depoimento* de Amorim de Carvalho), Amorim coloca-se, na continuidade de Camões, Antero, Junqueiro e Pascoais, entre os grandes poetas de expressão portuguesa.

Outro aspecto fundamental da obra estética amoriniana é a teoria da versificação. Renovando completamente a terminologia como consequência da formulação das *leis do ritmo verbal* (que ele descobriu), Amorim construiu a teoria que deu o estatuto de ciência à métrica (das versificações acentuais). Estamos, também aqui, em presença de obra ímpar, no seu género, em qualquer país. R. dos Santos não se apercebeu da importância deste aspecto do

pensamento de Amorim (que honra sobremaneira o Porto), redigindo a esse respeito apenas cinco palavras inexpressivas.

«Notável autodidacta» Amorim de Carvalho, considera R. dos Santos. Efectivamente o foi, como o foram todos aqueles que souberam dizer algo mais, com senso e com altura de vistas, do que o que lhes tinha sido ensinado por outros, aqui ou ali, ou pelas sebatas dos departamentos universitários...

Quase a concluir a curta e desequilibrada nota biográfica sobre Amorim de Carvalho, R. dos Santos escreve, ainda, que o ilustre portuense «seguiu» Bazilio Telles «na dificuldade de adaptação». Estaremos aqui inteiramente de acôrdo com ele. Amorim nunca se adaptou ao sectarismo imperante em Portugal, ao compadrio, ao elogio mútuo das claques e dos grupos literários, à mentalidade gregária, à desonestidade intelectual, à impostura das pseudo-elites ou elites decaídas (assalto à *Portucale*; perfídias e perseguições de que foi vítima em diversas revistas literárias em que colaborou: *Pensamento*, *Seara Nova*, *O Diabo*; comportamento imoral da Sociedade Portuguesa de Escritores da qual era sócio fundador e da qual se demitiria *avec fracas*; silenciamento organizado e sistemático da sua obra; etc.). O ilustre poeta, esteta e filósofo – cujas características psicológicas e da inteligência se assemelhavam muito às de Alexandre Herculano e Bazilio Telles, – não pôde, com efeito, nunca se adaptar a essa deprimente situação mental. Está aí a razão determinante que o levou, ainda no tempo de Portugal, a exilar-se voluntariamente.

Em resumo: as linhas da bio-bibliografia que R. dos Santos escreveu sobre Amorim de Carvalho, no livro que estamos a analisar, não puseram em evidência as facetas mais características ou dominantes da obra deste poeta, esteta e filósofo, nem mostraram a significação dessa obra no contexto da história literária e do pensamento português ou portuense – quando era precisamente isto, afinal, que interessava, porque é isso que está na essência mesma duma história literária. A obra de R. dos Santos parece não ser mais do que um chorrilho de nomes e títulos bibliográficos dados sem discernimento¹.

Ainda mais alguma coisa poderíamos escrever, corrigindo ou precisando o que, à volta do nome de Amorim de Carvalho, se diz ou se não diz na *História literária do Porto através das suas publicações periódicas*: limitámo-nos, no entanto, a alguns aspectos literários e estéticos, mais do que filosóficos, do pensamento amoriniano.

Mas perante o que fica aqui exposto, dever-se-á já concluir que a obra de R. dos Santos, no seu conjunto, não poderá legitimamente receber-se enquanto não fôr submetida a prévio e rigoroso exame crítico.

Casa Amorim de Carvalho, Porto, novembro de 2009

¹ A falta de precisão e o não-a propósito de R. dos Santos refletem-se, provavelmente, em diversas obras suas. Por exemplo, no *Perfil de Leonardo Coimbra* onde, referindo-se, de modo vago, à «passagem de Amorim de Carvalho» pelas tertúlias lisboetas, diz que este, tendo sido director da *Portucale* e fundador da *Prometeu*, «escreveu, entre outras obras, *O Positivismo metafísico de Sampaio Bruno*». Como esta obra (citada, aliás, com data errada) nada tem a ver, fundamentalmente, com Leonardo Coimbra, – admitimos que R. dos Santos a citou ao acaso, como poderia ter citado qualquer outro livro do mesmo autor. Ora, num *Perfil de Leonardo Coimbra* parecer-nos-ia mais consentâneo que o autor evocasse, ao referir-se a Amorim de Carvalho, o estudo deste pensador intitulado – esse sim, que viria a propósito – *A dissolução mística do sistema filosófico de Leonardo Coimbra* (1947). Mas a dissolução do pensamento leonardino explicada por Amorim, tem incomodado mais do que um, em Portugal, – razão pela qual o estudo amoriniano foi sendo silenciado. Já Amorim de Carvalho, referindo-se à dissolução mística em Leonardo Coimbra, escrevera: «... tese que sustentei [...] e que o P.^e António de Magalhães, *sem me citar* [sublinhamos], procurou rebater».